

Gestalt-terapia

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS
E INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS

LILIAN MEYER FRAZÃO
KARINA OKAJIMA FUKUMITSU
[ORGANIZADORAS]



GESTALT-TERAPIA
Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas
Copyright © 2013 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Saete Del Guerra**
Capa: **Buono Disegno**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação	7
<i>Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu</i>	
1 Um pouco da história... um pouco dos bastidores.	11
<i>Lilian Meyer Frazão</i>	
2 Fenomenologia e Gestalt-terapia	24
<i>Ari Rehfeld</i>	
3 O método fenomenológico em pesquisa gestáltica.	34
<i>Karina Okajima Fukumitsu</i>	
4 A face existencial da Gestalt-terapia	59
<i>Claudia Lins Cardoso</i>	
5 A psicologia humanista e a abordagem gestáltica	76
<i>Marisete Malaguth Mendonça</i>	
6 Psicologia da Gestalt.	99
<i>Lilian Meyer Frazão</i>	

7	Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia	114
	<i>Hugo Elídio Rodrigues</i>	
8	A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica	145
	<i>Patrícia Valle de Albuquerque Lima (Ticha)</i>	
9	A influência do pensamento oriental na Gestalt-terapia. . .	157
	<i>Roberto Peres Veras</i>	

2 Fenomenologia e Gestalt-terapia

ARI REHFELD

FENOMENOLOGIA

“O filósofo é um funcionário da humanidade” (Merleau-Ponty, 1973, p. 17). Assim Husserl entendia o sentido de sua dedicação e de sua existência, pelas quais se destinou a definir e tornar conscientes as condições de uma humanidade e também buscar uma verdade comum que pudesse dar suporte às diversas ciências em seus caminhos de descoberta do mundo.

Nascido em 8 de abril de 1859 em Prosnitz, cidade pequena da Morávia (atualmente República Tcheca), Edmund Husserl vinha de uma família judia. Estudou astronomia em Leipzig e matemática em Berlim e, posteriormente, em Viena.

Em 1884, conheceu Franz Brentano e começou a frequentar seus cursos na Universidade de Viena, onde recebeu uma influência de tal magnitude que o fez mudar completamente de rota. A partir daí, dedicou-se a pensar a teoria do conhecimento e filosofia da ciência, buscando criar um método que pudesse fundamentar as ciências. Estas passavam por uma profunda crise, resultante da falta de prática, por parte dos

cientistas, de colocar verdadeiramente em questão os objetos de seus estudos, sua metodologia e a ideia de rigor.

É preciso dizer que não há originalidade plena na construção de uma corrente ou abordagem filosófica. Todo pensamento é tributário aos que o antecederam. No entanto, o que faz um filósofo ser reconhecidamente importante é a introdução de uma perspectiva nova, às vezes um novo método, e sua dimensão pode ser avaliada pela repercussão de suas ideias e por seu efeito multiplicador, ou seja, pelos desdobramentos subsequentes. Nesse sentido, a obra de Husserl revolucionou todo o pensamento das ciências humanas do século XX – e da própria filosofia – até o presente.

Nas diversas áreas das ciências humanas, uma grande quantidade de pensadores, filósofos, sociólogos, antropólogos e psicólogos, cuja atividade vem marcando decisivamente a história do pensamento contemporâneo, menciona de modo incontestado a grande influência que receberam de Husserl. Entre eles podemos citar alguns representantes da psicologia da forma – Wertheimer, Köhler, Koffka, Goldstein e Lewin – e Jaspers – que antes de tornar-se filósofo publicou *Psicopatologia geral* (2002) no qual reconheceu a influência direta de Husserl –, além de Binswanger, Minkowski, Lacan e pensadores como Sartre, Derrida, Deleuze, Foucault, Levinas entre tantos outros.

Depois da grande crise das ciências europeias ocorrida na segunda metade do século XIX, Husserl se encantou com as ideias de Brentano e partiu para a construção de uma tentativa de fundamentação das ciências, colocando em questão seus pressupostos, objetos de estudo e metodologias. Nesse caminho, apresentou uma nova concepção de rigor, demonstrando de modo inequívoco que não se podia pensar em um

método único, justamente pelo fato de não haver uma, mas várias ciências, cada uma com sua especificidade quanto ao seu objeto; ou seja, variando-se o objeto, variam-se também sua apreensão, seu método e sua metodologia.

O impacto maior dessa ideia será a demonstração de que as ciências humanas não podem ser medidas pelo rigor das ciências naturais. Mais ainda, que o método científico, natural – Husserl denominava naturalismo o ideal das ciências ditas exatas de construção de um método universal para todo pensamento sem questionar a fundo seus pressupostos – é ineficiente para as ciências do espírito e completamente ineficaz quando se trata da vivência humana.

Assim, o psicólogo não pode se subordinar de modo imediato às leis da lógica. Mostra também a insustentabilidade da *Weltanschauung*, visão de mundo ou concepção hegemônica de sua época – surgida no final do século XIX, início do século XX – de que à ciência caberiam a objetividade, a substancialidade e a exterioridade, restando à filosofia e à psicologia a subjetividade e a interioridade.

Tal concepção, advinda do positivismo, promoveu sua própria crise, à medida que descobriu ser inviável o conhecimento com pretensão à validade universal, provocando assim um ceticismo de enormes proporções.

Ao desvelar a tentativa husserliana de propor a fundação de uma nova ciência rigorosa com base na regionalidade de cada uma das ciências, construindo assim uma atitude nova que se desdobrará numa fundamentação das ciências humanas, percebemos a história do próprio Husserl, que se antecipa ao que em seguida acontece na Europa, movida substancialmente por sua própria influência.

Partindo de um ideal de origem positivista, que depois veio a criticar, e da ideia de rigor da matemática, Husserl procura, a princípio, pela *epoché* (redução eidética e fenomenológica) chegar a um Eu e a um Objeto puros em suas propriedades essenciais, retirando todas as qualidades circunstanciais, ou acidentais, com o fim de, estando de posse de um Eu e de um Objeto puros, fundar uma nova teoria do conhecimento de modo sólido e inquestionável. Para isso, é imprescindível uma mudança radical de atitude: a redução fenomenológica ou *epoché* vai consistir em “pôr entre parênteses” a realidade do senso comum. Não se deve permanecer ao nível das impressões sensíveis, mas sim captar a “essência” ou o sentido das coisas. Por isso é que a intuição recebe o qualificativo de eidética, ou seja, é a “visão das essências”.

Nessa jornada, Husserl descobre que as qualidades circunstanciais ou acidentais são fundamentais, ou seja, que não há Objeto sem elas, que não há Eu sem o Mundo ou Mundo sem Eu, sendo portanto um constitutivo do outro. Assim, não se pode jamais pensar em um dos polos da relação em si mesmo. E, mais ainda, que precedente à reflexão de cada um deles há um pré-refletido, fundamento de qualquer interrogação.

Assim Husserl refez em sua trajetória o próprio caminho da “crise das ciências europeias” e foi além, ao descortinar a origem dessa crise – a ingenuidade do cientista que não filosofa acerca de sua atividade, objeto de estudo e metodologia – e procurar fundar um modo de chegar “às coisas mesmas” buscando prescindir das especulações, hipóteses e leis gerais para entrar em contato com a especificidade, a originalidade e a singularidade de cada fenômeno que se mostra.

Fenomenologia, no seu termo literal, significa “estudo dos fenômenos”, isto é, daquilo que é dado à consciência. Consciência é muito mais do que apontavam até então a filosofia, a psicologia e principalmente o senso comum, que a viam como um lugar onde, de alguma maneira, se prende o conhecido. Husserl vê a consciência como uma síntese em fluxo que não tem nenhuma substancialidade, sendo mais uma dinâmica entre Sujeito e Objeto, onde todo ser recebe seu sentido e valor. Nada tem valor se não se apresentar como sentido, e nessa relação entre Conhecedor e Objeto a ser conhecido uma série de formas de apreensão de mundo, que não somente a razão ou o pensamento, se oferece a nós – tais como intuição, sensibilidade e também como pré-reflexivo.

A fenomenologia pretende explorar esses dados intuitivos – relação pré-reflexiva – diretamente, evitando estabelecer quaisquer hipóteses a seu respeito. Daí a noção de fenomenologia como recomeço, como retorno às coisas mesmas.

Uma das primeiras tarefas a que a fenomenologia se propõe é justamente a de elucidar “o reino das essências” segundo seus diversos domínios ou regiões; dito de outro modo, toda e qualquer ciência deverá ser precedida de uma análise fenomenológica visando estabelecer a essência do objeto de seu estudo antes de formular hipóteses ou leis.

A perspectiva fenomenológica constata o caráter intencional da consciência – esta é sempre consciência de alguma coisa. Existe aí a superação da dicotomia sujeito-objeto – a velha questão da teoria do conhecimento –, já que fora da correlação consciência-objeto não existiria nem um nem outro. *Noesis* (ato da consciência visando ao objeto) e *noema* (objeto visado pela consciência) são somente polos dessa correlação.

Faz-se necessário ressaltar que a intuição e a percepção não são as únicas formas pelas quais a consciência se dirige aos objetos; a imaginação, a memória, os sentimentos, o sonho também são modalidades da consciência em sua atividade.

A fenomenologia, em seu desenvolvimento, não se satisfaz, portanto, com a estreiteza da concepção clássica da consciência, herdeira da psicologia tradicional, e concebe o homem essencialmente como ser no mundo. A consciência é, então, consciência no mundo e vincula-se a ele por meio do corpo. Com efeito, é pela mediação desse mesmo corpo que podemos nos relacionar com as coisas e com os outros seres humanos. A existência (*ek-sistere*, ser para fora) só pode ser entendida tendo como base seu duplo enraizamento: no mundo e com o outro.

Toda consciência é absoluta. Dessa forma, existem apenas exterioridades. O introspeccionismo mostra-se assim uma especulação impossível. Todo objeto é imanente à consciência, inclusive a transcendência.

Método de aproximação e compreensão dos fenômenos, a fenomenologia exige uma nova atitude diante do conhecimento e da filosofia da ciência. Sua tarefa é elucidar não o mundo e a realidade tomados em si mesmos, mas as relações vividas e efetivas que se estabelecem, ao mesmo tempo necessária e livremente, entre homem e mundo.

Para Husserl não se pode conhecer jamais aquilo que se dá por si mesmo, a coisa em si. Se for necessário pressupor ou especular, não é mais fenomenologia. E, para que se faça realmente fenomenologia, é preciso suspender todo e qualquer posicionamento ontológico e toda “realidade empírica”. Assim, tudo que for aparente, óbvio e preconcebido é colocado em questão.

FENOMENOLOGIA E GESTALT-TERAPIA

Como apreender um homem? Não o homem em geral nem o homem em si, mas aquele à sua frente, com toda a sua singularidade, unicidade e originalidade? Se formos olhá-lo do prisma de um *pré-conceito*, de uma *pré-reflexão*, de uma *pré-definição* ou de um diagnóstico prévio, não o enxergaremos em sua particularidade nem em sua complexidade, mas somente naquilo que já *pré-vimos*.

E como escapar dessas definições *a priori*? Colocando-as em questão, não aceitando o *pré-dado*, por mais óbvio que pareça. Ao questioná-las, imediatamente são postos em suspensão o senso comum, as estruturas prévias de interpretação e a tradição sedimentada.

Sair de uma posição prévia de visão, de uma rede referencial, para buscar uma nova compreensão já é um fazer fenomenológico e gestáltico.

Exemplo maior de tradição sedimentada é a palavra. Esta quase nunca é vista como uma expressão corporal. Na maioria das vezes, aparece com seu conteúdo fornecido pela rede referencial, de visão tradicional, segmentada. Evidentemente é possível escapar de uma leitura única e restrita do conteúdo de uma palavra, mas, mesmo com enorme esforço, quase sempre nos deixamos deslizar para o senso comum e perdemos a especificidade da fala deste que está à nossa frente.

Comparemos com a expressão de uma emoção: Merleau-Ponty (1973, p. 37) aponta-nos “a modificação em nossas relações com o mundo que ocorre quando renunciamos a uma ação ordenada, consciente dos vínculos de causalidade, e verdadeira, para passar a uma transformação imediata, mági-

ca e fictícia da situação”. Fictícia claramente tem como referência uma leitura factual e não fenomênica.

No interior da expressão vivida e emocional do paciente existe a possibilidade de uma proximidade de maior densidade na apresentação de seu mundo. Já não estamos aqui falando “sobre” – modo de relação representacional de um elemento passado –, mas relacionando-nos, vívida e efetivamente, com todo o vigor que a presentificação da situação nos oferece como emoção. A partir daí ao refletirmos, já de posse da claridade de um novo olhar, muito mais próximo da “coisa mesma”, como dizia Husserl, novas significações ou possibilidades emergem. Tal reflexão é muito mais do que a observação de um fato: há um esforço em compreender que é bem diferente da passividade de um sujeito ao contemplar sua vivência. Trata-se de um esforço em apreender a significação de sua experiência.

A compreensão é mais originária que a interpretação. Assim, toda intervenção, que não precisa nem deve ter a forma de uma interpretação – buscando evitar um encurtamento –, embora advenha de uma leitura interpretativa, só pode emergir num horizonte compreensivo. Toda interpretação já foi demarcada por um horizonte compreensivo.

Na fala sem uma expressão emocionada a história já é uma leitura encurtada. Quando o paciente a conta ao psicoterapeuta, já o fez a si mesmo inúmeras vezes.

Em seu início a Gestalt-terapia, ciente desse veio – a expressão emocional –, desenvolve uma grande quantidade de técnicas com a finalidade de facilitar a expressão. Mas, com o passar do tempo, percebe-se que tais técnicas induziam o paciente ao olhar prévio do terapeuta, ou seja, buscavam condu-

zi-lo para determinada percepção ou posição que o terapeuta já tinha. Com isso, incorria-se novamente no erro de induzir o paciente em sua expressão, perdendo-se assim sua singularidade e originalidade.

A Gestalt-terapia contemporânea tende, a partir de então, a valorizar o “experimento” em detrimento da técnica. Se esta última conduzia o paciente a um ponto em que o terapeuta já se encontrava, o experimento, por sua vez, não tem tal ponto, de modo que paciente e terapeuta caminham juntos em direção ao novo, novo para os dois.

O fundamento desse caminhar é que todo sofrimento – que em geral é o que leva o paciente à psicoterapia – é um encurtamento de seu mundo, de suas possibilidades. Ao buscar o novo, outras possibilidades aparecem, ampliando o mundo com novas significações e sentido, independentemente das escolhas feitas.

A base desse fundamento é a ideia de que, na fenomenologia, a consciência é “síntese em fluxo”, é dinâmica e não tem substancialidade. Essa ideia, aparentemente simples, vai se confrontar com a atitude natural – o naturalismo –, em que a psicologia tende a ver o homem como “uma coisa entre coisas”. A consciência é, na maioria das vezes, entendida como um fato, entificada e substancializada, transformando portanto o homem em “uma coisa entre coisas”. Ao investigar fatos e relações entre fatos, a psicologia perde o homem. A fenomenologia, junto com a hermenêutica, resgatará esse homem descrevendo seu modo de ser, escapando de concepções religiosas, biológicas e até ontológicas prévias, indo ao encontro deste que está à sua frente.

Desencurtamento de mundo pode ser também chamado de ampliação de mundo, ampliação de consciência, e um dos

principais pilares do trabalho clínico – fenomenológico e gestáltico – é a *awareness*, essa consciência em fluxo em sua expressão correlata.

Nesse mesmo caminho a Gestalt-terapia, ao propiciar a expressão do fenômeno “que se mostra no que aparece”, tem contribuído para a descrição desse modo de ser. Rigorosamente falando, então, podemos afirmar com tranquilidade que a Gestalt-terapia, em seu modo de ser mais originário, possibilita escapar desse naturalismo objetificante. Nada mais fenomenológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

Husserl, Edmund, *Investigações lógicas*. 6.ed. Tradução Zeliko Loparic e Andréa M.A.C.Loparic São Paulo:Abril Cultural, 1985

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Ciências do homem e fenomenologia* São Paulo: Saraiva, 1973